(Im)previsto no Jardim Ester

Dono de uma hortifruti, o senhor Paulo, um sujeito pouco propenso a sorrisos, observava, do caixa, os fregueses enquanto estes escolhiam as melhores verduras, frutas e vegetais disponíveis nas prateleiras do estabelecimento. O relógio na parede de azulejos marcava 9h28 da manhã de terça-feira, dia 27 de junho. “Não vai levar melancia hoje?”, questionou o dono, enquanto colocava os óculos para enxergar melhor as compras de Carolina da Rocha, frequentadora da hortifruti há seis anos. Os dois já se conhecem bem: pelo rosto, pela história de vida e pelo histórico de compras.

 A duas quadras dali, às 9h45, Wellington Alves, agente da empresa de transporte da região, encontrava-se recluso numa cabine. Ali, é no ponto final das linhas de ônibus que se direcionam ao Jardim Maria Luíza. Ele observava o movimento intenso dos veículos indo e vindo pelas ruas estreitas, trocava algumas palavras com os passageiros e com os motoristas nos intervalos de 10 minutos, tempo de pausa dos ônibus, quando permanecem estacionados. Parecia uma manhã habitual no Jardim Ester Yolanda, na Zona Oeste da cidade de São Paulo. Até às 10 horas e 2 minutos.

Efigênia da Silva, de 77 anos, e Liberato Pires da Silva, de 89, foram deitados sobre a faixa de pedestres do cruzamento entre as ruas José Filipe da Silva e Otávio Pedreiro Rosa. Bengala, pasta de exames, bolsa de tecido azul espalhados pelo asfalto. Eles haviam sido atingidos pelo ônibus 748R-10, com destino ao Jardim João XXIII, enquanto atravessavam a rua. A senhora, com as pernas cruzadas e as mãos sobre os olhos para barrar a luz do sol, estava consciente e agitada. Às 10h07, ela buscou o pulso do marido para sentir os batimentos cardíacos. Ele estava estático, imóvel, motivo principal da tensão na cena.

Logo às 10h03, os moradores do bairro começaram a se aproximar para entender a movimentação inabitual. Os falatórios eram um misto de curiosidade, indignação, previsões e resultados esperados. Eram ouvidos: “Meu Deus!”, “É sempre assim!”, “Eles não respeitam ninguém”. A comerciante Ana Naiara de Barros Morenos balançava a cabeça e, com a sobrancelha franzida, dizia: “Ninguém para aqui mesmo. Não é a primeira vez e nem será a última”. As duas ruas onde o ocorrido aconteceu recebem fluxo intenso das duas mãos. Não bastasse isso, o fluxo é composto majoritariamente por caminhões, que abastecem o comércio da região, e ônibus.

Luiz Cláudio Nogueira se impunha entre o ônibus, que há pouco conduzia, e os dois corpos que atropelara. Homem alto, bigode preto, óculos escuros, uniforme da companhia de transportes, crachá escondido no bolso da camisa. Esbanjava tranquilidade e dominava o ambiente. Deixou os senhores imóveis. Ajeitou a jaqueta de frio debaixo da cabeça do senhor, tentando barrar a rigidez do asfalto. Tranquilizava a preocupação da senhora, dizendo que o marido estava respirando. Era o responsável pelo isolamento físico do casal deitado no chão.

A partir da concentração de pessoas, Luiz Cláudio contava em alto e bom tom, repetidamente, a versão dele dos fatos. “Eles ficaram no meu ponto cego, não consegui vê-los”. Ponto cego. Ponto cego. Foi o que alegou aos moradores, aos bombeiros, aos policiais, a quem quisesse ouvir. Finalizava com: “Sorte que consegui frear bem em cima.”.

O carro do Corpo de Bombeiros chegou 10 minutos depois do ocorrido, às 10h12. Duas atendentes dos Primeiros Socorros começaram, mecanicamente, a medir a pressão do casal, verificar os batimentos cardíacos. Tudo anotado em planilhas. A única resistência que tiveram foi no momento de colocar o colar cervical de Efigênia, que gritava: “Me tirem daqui! Por favor!”.

Às 10h34, chegou a ambulância do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Já se perde as contas de quantas vezes ele repetiu a história até o momento em que está contando para a polícia militar de trânsito, que chegou junto ao SAMU após 30 minutos.

Na segunda-feira, 03 de julho, às 15h30, duas repórteres entram em contato com a prefeitura regional do Butatã, responsável pela área do Jardim Ester. Ficam sem respostas em relação aos pedidos da população e em relação ao imprevisto da terça-feira, dia 27 de junho. Imprevisto? Seria se as ruas fossem seguras, se as pessoas não estivessem indignadas há muito tempo e se a frequência dos acidentes não fosse alta, como confirmado pelos moradores.